

A Filosofia como potência de agir através da atividade do esquecimento em Espinosa e Nietzsche

Philosophy as power to act through forgetfulness activity in Spinoza and Nietzsche

Renato Nunes Bittencourt

Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ

Resumo: Neste artigo analisaremos as convergências axiológicas entre as filosofias de Espinosa e de Nietzsche como expressões de uma compreensão imanente da vida e das suas qualidades intrínsecas, e de que modo a questão dos afetos perpassa as teorias de ambos os autores. Pretendemos demonstrar que a noção de potência de agir, disposição amplificada pelas interações alegres realizadas no cotidiano também encontraria um tônico vital para o seu constante crescimento a partir da capacidade humana de esquecer as impressões afetivas desagráveis; desse modo, favorece-se uma contínua abertura existencial para o novo mediante a supressão do ressentimento e de afetos depressivos da potência de agir.

Palavras-Chave: Potência de Agir; Imanência; Esquecimento; Espinosa; Nietzsche.

Abstract: In this article we will analyze the axiologies convergences between the philosophies of Espinosa and Nietzsche as expressions of an understanding immanent of the life and its intrinsic qualities, and of that way the question of the affection to pass by the theories of both the authors. We intend to demonstrate that the notion of power to act, disposal amplified for the carried through glad interactions in the daily one also would find a vital tonic for its constant growth from the capacity human being to forget the impressions affective eases; in this manner, a continuous existencial opening for the new by means of the suppression of the resentment and depressive affection of the power is taken advantage to act.

Keywords: Power to act; Immanence; Oblivion; Espinosa; Nietzsche.

Introdução

Espinosa e Nietzsche são dois pensadores que, de acordo com suas perspectivas axiológicas e estilos intelectuais e expressivos peculiares, se propuseram a investigar os fatores que motivam o sentimento de infelicidade e a efetivação da impotência de agir na existência humana; mais ainda, ambos refletiram sobre quais meios poderiam ser utilizados pelo próprio homem para que os seus estados de declínio existencial viessem a ser superados, favorecendo, por conseguinte, a afirmação da criatividade e da vida. Podemos afirmar que os dois autores, ainda que separados cronologicamente pelo tempo histórico nos quais cada um viveu, convergem em um ponto primordial: de que as paixões tristes enfraquecem a vitalidade do corpo, prejudicando assim a desenvoltura plena das capacidades empreendedoras do homem, potencializadas quando este age estimulado por afetos tônicos, tais como a alegria e o amor. Desse modo, tanto a filosofia de Espinosa como a de Nietzsche, apesar de consideráveis diferenças existentes a nível argumentativo e conceitual, se caracterizam pelo fato de investigarem os estatutos dos afetos na constituição prática da vida humana; é tema constante ao longo das suas obras a indagação sobre o que pode vir a nos tornar homens tristes, ou quais eventos podem fazer nascer ou ampliar nossa alegria, dentre outras questões referentes à atividade do homem no mundo da vida, nas suas interações cotidianas com os demais indivíduos.

Portanto, as obras redigidas por Espinosa e por Nietzsche são “instrumentos” que podem ser utilizados pelo leitor crítico como recursos para se superar as características de um ordenamento de mundo que apregoa valores morais inadequados para o desenvolvimento saudável da vida humana; tais valores não são pautados na valorização do júbilo e na afirmação da singularidade e da diferença das qualidades individuais, mas no anseio de se nivelar mediocrementemente os seres humanos, através da adequação destes a um sistema moral coercitivo de cunho transcendente. O que se oferece a seguir é uma pequena explanação sobre tais temas e o percurso valorativo que favorece a realização dessa ética imanente da alegria.

Esquecer para melhor agir

Conforme o pensamento de Nietzsche, podemos afirmar que, quando o homem é afetado de modo negativo por uma causa externa, seja através de uma agressão física ou uma ofensa, ele pode manifestar alguns tipos de disposição:

. Reativa, ou seja, revidando imediatamente a agressão sofrida, descarregando assim o ódio presente nas suas disposições afetivas.

. Passiva, ou seja, sofrendo o peso da ofensa sem que ao menos seja esboçada uma reação concreta ao ofensor, fato este que pode gerar nas disposições de ânimo do agredido o ressentimento; este é a causa básica do declínio da estrutura fisiológica que ocorre como conseqüência da formação de um desagradável sentimento de fraqueza decorrente da incapacidade do sujeito em responder na mesma medida ao agressor (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, I, § 10**).

. Ativa, a qual, por sinal, seria a disposição mais rara e, portanto, a mais valorosa e especial na vida do homem. Para que este estado venha a se concretizar, é necessário o exercício do esquecimento, da arte de olvidar, artifício magistral da estrutura psicofisiológica do ser humano em se conseguir “digerir” os encontros desagradáveis do cotidiano, de modo que não se permita que a constituição psíquica do homem seja prejudicada organicamente em decorrência do acúmulo de resíduos mnemônicos das experiências afetivamente imputadas como ruins, que podem motivar nas personalidades existencialmente fracas o decréscimo da potência de agir, comprometendo ou mesmo impossibilitando a avaliação do mundo, a doação de sentidos e a criação de novos valores (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, II, § 1**).

Portanto, das três possibilidades de comportamento, de acordo com o pensamento de Nietzsche - cuja perspectiva encontra grandes ressonâncias com a conduta ética proposta por Espinosa - o posicionamento diante do mundo caracterizado como “ativa” seria certamente a mais favorável para o desenvolvimento saudável da existência humana; isso ocorre pelo fato de que, além de não comprometer a estabilidade da constituição psíquica do indivíduo, o poder ativo do esquecimento não permite que o efeito deletério do ressentimento e do ódio atue como um veneno corrosivo nas suas disposições de ânimo, mitigando assim a sua capacidade de agir ad no

mundo. Podemos considerar que, ao propor a assimilação das vivências ruins por meio da faculdade do esquecimento, Nietzsche desenvolve um recurso que favorece a manutenção e o desenvolvimento da estabilidade fisiológica do indivíduo, do mesmo modo que Espinosa propunha a capacidade de estabelecermos bons encontros em nossas experiências éticas, que garantem a formação de afetos ativos, tais como a alegria e, conseqüentemente, a ampliação da potência de agir individual.

Nietzsche considera que um grande exemplo histórico, ilustrativo desse magnânimo comportamento, teria sido tal como o praticado pelo Conde de Mirabeau, que não perdoava os vilipêndios cometidos pelos seus adversários políticos contra a sua pessoa, pelo simples fato de que ele “esquecia” tais ofensas (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, I, § 10**).¹ Nessas condições, Nietzsche argumenta que uma personalidade capaz de esquecer as impressões afetivas ruins de modo algum se deixa afetar negativamente pelas experiências turbulentas, mas, pelo contrário, se utiliza dessas interações de forças, que seriam consideradas um tanto traumáticas para o homem ressentido, “fraco”, como um tônico para o crescimento de sua própria vitalidade e potência de agir. Conforme salienta André Martins: “O pensamento, tanto para Nietzsche quanto para Espinosa, serve, assim, para favorecer a alegria e o aumento de nossa potência de agir – aquela sendo a consequência deste” (**MARTINS, “Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos – encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo”, In: Assim falou Nietzsche III, p. 14**).

Pensando de acordo com os conceitos da filosofia de Espinosa, podemos considerar que desenvolvemos ao longo de nossas vidas cotidianas uma gama de interações com outros corpos (pessoas). Tais eventos, mediante as circunstâncias pelas quais nos afetam, podem ampliar ou diminuir a nossa capacidade de agir, pois uma interação, quando impressiona extensivamente o nosso próprio corpo, faz com que decorra desse evento um dado afeto. Nessas condições, se porventura essa interação for adequada, ou seja, pautada no desenvolvimento de afetos que ampliem a nossa capacidade de agir,

¹ Honoré Gabriel Victor de Riqueti, Conde de Mirabeau (1749-1791), imortalizado pelas crônicas históricas como uma das personalidades políticas mais importantes do período de ebulição da Revolução Francesa.

adquirimos o saudável acréscimo de nossa força intrínseca, tal como ocorre no caso da alegria, definida por Espinosa como a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior (**ESPINOSA, Ética, III, Definição das Afecções, II**).

O homem que vive em estado de genuína alegria suprime de seu âmago as disposições ressentidas, tornando-se melhor constituído organicamente. Essa qualidade de homem, capaz de esquecer as ofensas e suas impressões mnemônicas, consegue transmutar os afetos ruins de um encontro que normalmente poderia diminuir o nível intensivo das suas forças corporais e enfraquecer a sua própria disposição de ânimo, em uma disposição afetiva positiva, criativa, renovadora das energias vitais do seu próprio corpo. O aumento da nossa potência de agir se origina diretamente da ocorrência de um bom encontro, que decorre, por sua vez, da nossa capacidade de, mediante a compreensão do fluxo de afetos que são gerados através das impressões das causas externas, utilizarmos essa relação como suporte para a ampliação do sentimento de alegria em nosso ânimo, posto esse afeto se transformou em causa ativa, da qual temos pleno domínio. Conforme argumenta Espinosa:

Digo que somos ativos (agimos quando se produz em nós, ou fora de nós, qualquer coisa de que somos a causa adequada, isto é, quando se segue da nossa natureza, em nós ou fora de nós, qualquer coisa que pode ser conhecida clara e distintamente apenas pela nossa natureza) (**ESPINOSA, Ética, III, Definições, II**).

Podemos vislumbrar estabelecer um paralelo axiológico entre a força intrínseca ao indivíduo que se constitui existencialmente pela atividade, segundo a conceituação de Espinosa, e a tipologia da força criativa própria da disposição nobre pensada por Nietzsche no decorrer da *Genealogia da Moral*, pois em ambos os casos existe o projeto de supressão de afetos tristes e demais turbulências. De acordo com os esclarecimentos de Oswaldo Giacóia Jr. sobre o “homem forte” em Nietzsche,

Nos termos dessa teoria nietzschiana do ativo e do reativo, forte não é aquele que é capaz de sujeitar o outro pela violência, ou de impor de modo impiedoso e desconsiderado seus apetites de poder,

seus interesses. Em sentido próprio, forte é aquele que possui uma força plástica de esquecimento e assimilação mais inteira, mais organicamente sadia (GIACÓIA JR., *Nietzsche como psicólogo*, p. 84-85)

Desse modo, a aptidão para o desafio e a superação das forças pessoais seria uma situação constante nesse belo modo de viver. Conforme enunciado por Nietzsche, “Na escola bélica da vida, o que não mata, me torna mais forte.” (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*, “Máximas e sátiras”, § 8).

Nietzsche, portanto, considera que um dos maiores recursos oferecidos pela natureza ao homem, para que se viabilize o pleno desenvolvimento de sua vida, consiste na saudável capacidade de esquecer que, utilizando-se de um termo fisiológico, “purificaria” a mente humana de grande parte das suas vivências registradas quotidianamente.

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças a qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar “assimilação psíquica”), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou “assimilação física”. Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho e a luta do nosso submundo dos órgãos serviciais a cooperar e divergir; um pouco de sossego, um pouco de *tabula rasa* da consciência, para que novamente haja lugar para o novo, sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (pois nosso organismo é disposto hierarquicamente) – eis a utilidade do esquecimento, ativo, como disse, espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica, da paz, da etiqueta: com o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento. O homem no qual esse aparelho inibidor é danificado e deixa de funcionar pode ser comparado (e não só comparado) a um dispéptico – de nada consegue dar “conta” (NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, II, § 1)

Inclusive, nesse ponto podemos pensar também a questão dos conteúdos intelectuais sedimentados quotidianamente na memória humana: pelo fato do homem, de um modo geral, buscar sempre a aquisição de novos saberes, a sua faculdade da memória necessariamente deve ser exercitada, para que essas informações permanecem adequadamente retidas na mente, disponíveis ao usufruto do homem. Contudo, Nietzsche salienta que essa busca desmedida pelo conhecimento deve estar intrinsecamente associada com a vida e com a sua ampliação, de modo que somente nessas condições o conhecimento se torna favorável para a saúde humana e para o desenvolvimento da sua capacidade criativa. O “homem erudito” revela-se como um indivíduo intelectualmente e plasticamente estéril, incapaz de expressar a pujança da sua criatividade genuína através da singularidade de seu pensamento e de sua própria vida (NIETZSCHE, **Segunda Consideração Intempestiva**, § 10).

Quando ocorre o uso desmedido do conhecimento, perpetrado pelo “homem erudito” esses conteúdos perdem o vínculo com a atividade, com a vida, tornando-se extremamente prejudiciais para esse próprio tipo de homem, ainda que muitas vezes ele não perceba o malefício existencial que cria para si próprio:

O erudito que no fundo não faz senão “revirar” livros – o filólogo uns duzentos por dia, em cálculo modesto – acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si. Se não revira, não pensa. Ele responde a um estímulo (- a um pensamento lido), quando pensa – por fim reage somente. O erudito dedica sua inteira energia ao aprovar e reprovar, à crítica ao já pensado – ele próprio já não pensa... O instinto de autodefesa embotou-se nele; de outro modo se protegeria dos livros. O erudito – um *décadent* (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão inteligente”, § 8).

Contudo, apesar dessa extrema importância do uso do esquecimento no ato de seleção dos conteúdos intelectuais pertinentes para o desenvolvimento da vida, essa disposição se vincularia principalmente com as experiências afetivas, sobretudo as que se caracterizam por entristecer o ânimo do homem, tais como, por exemplo, as humilhações ou as angústias de amor sofridas em determinados momentos da existência. Afinal, uma vez que a vida

humana consiste na interação constante de forças, um grande fluxo de impressões e vivências é registrado com “fogo” na memória para que permaneça nela a todo custo (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, II, § 3**).

Se porventura um homem não consegue realizar uma triagem rigorosa em seus dados mentais, distinguindo os conteúdos saudáveis dos maléficos, ele se tornará uma espécie de grande registro, um vasto arquivo de informações intelectuais e experiências afetivas; por conseguinte, ao portar em sua consciência tal fardo psicológico, esse homem certamente perderá a desenvoltura necessária que proporciona a leveza para se agir no mundo afirmativamente, em prol da criação de novas obras, novos valores. Afinal, esse lastro de recordações atreladas ao psiquismo do indivíduo lhe impede de reunir forças vitais para que ele possa empreender a renovação das suas possibilidades de ação. Ao invés de vislumbrar a transformação do presente, sua vida se resume a dirigir um nostálgico olhar para o passado, no ato de recordação dos eventos que ele outrora realizou, mas que, no entanto, somente contribuem negativamente para o desenvolvimento adequado para as suas disposições de ânimo. Como adendo para esta questão, podemos utilizar o comentário de Valéria Cristina Lopes Wilke, a qual, dissertando sobre a perda da capacidade criativa do “homem ressentido”, afirma que

O assombroso poder da memória torna o ressentido (o escravo) impermeável ao inesperado. Por somente viver na vigência daquilo que se empedrou como sendo o que é, passa ao largo do devir, fazendo minguar o poder da criação. Esquecendo-se da possibilidade da mudança que designa a vida, realiza-se desde o horizonte cristalizado da vida. Contudo, não a gera. Estancou-se como fonte geradora de vida. Deixou de ser força grávida de futuro (**WILKE, “Memória-Esquecimento: Nietzsche e Benjamin”, In: Assim Falou Nietzsche II, p. 157**).

Desse modo, as lembranças apazíveis, que se encontram guardadas no recôndito de sua memória, ao invés de proporcionarem um estímulo para a ação, são utilizadas apenas como um conteúdo contemplativo, que aprisiona o indivíduo na cadeia dos fatos passados. No entanto, devemos ressaltar que Nietzsche, através dessas

considerações, de modo algum pretende estimular o indivíduo a esquecer a totalidade das boas situações por ele vivenciadas outrora, mas utilizar dessa lembrança para que ele possa novamente, no futuro, desenvolver novas ações, talvez muito mais poderosas e marcantes do que as realizadas no passado. O grande problema surge, portanto, quando tal indivíduo se torna uma mera figura saudosa, que vive apenas da exaltação de um tempo que não existe mais de modo extensivo, mas somente enquanto memória afetiva.

As vivências ruins, por sua vez, devem ser plenamente esquecidas, para que se evite o acúmulo de sentimentos maléficos para o desenvolvimento da saúde psicossomática do indivíduo. O ódio decorrente de uma agressão, a humilhação pela derrota, a tristeza pela perda de um bem ou de um ente querido, são afetos que impedem a concentração das forças corporais em um estágio adequado para a sua plena liberação exterior, sobretudo através da realização de ações construtivas. Maria Rita Kehl afirma que

O ressentimento é uma doença que se origina do retorno dos desejos vingativos sobre o eu. É a fermentação da crueldade adiada, transmutada em valores positivos, que envenena e intoxica a alma, que fica eternamente condenada ao não esquecimento (KEHL, *Ressentimento*, p. 93-94).

Nessas circunstâncias, um dos grandes prejuízos para a vida humana reside na incapacidade do homem em digerir esses afetos tristes, o que motiva uma das circunstâncias mais discutidas na filosofia de Nietzsche, que, no entanto, pode ser remontado, ainda que por outras vias, ao pensamento ético de Espinosa: a questão do ressentimento. Por se deixar afetar pelas vivências cujas impressões não foram eliminadas da consciência, o homem, em determinadas circunstâncias, sofre da lembrança de fatos e eventos que o transtornaram terrivelmente, de modo que ele vive novamente os mesmos tipos de afeto que os experimentados outrora, quicá em uma intensidade muito mais violenta. Uma das respostas para esse problema decorre da incapacidade deste indivíduo em reagir ao seu agressor; aliás, a reação, conforme vimos anteriormente, não é a melhor solução a ser empregada nesse tipo de situação, pois essa ação decorre através de um estímulo externo abrupto, e não de uma necessidade interna da expansão das forças vitais. O tipo ressentido

atribui a outrem a dolo pelo que o faz sofrer, a quem transfere, em um momento anterior, o poder de decisão, de modo a poder culpá-lo caso venha a fracassar em seus objetivos particulares. Segundo a interpretação de Vânia Dutra de Azeredo,

Como a impotência do ressentido o impede de realizar qualquer atividade, ele espera que os outros a realizem por ele. No momento em que isso não acontece, procura alguém para culpar por não conseguir o que deseja, principalmente pela sua dor e sofrimento. A frustração consequente, porém, lhe desagrada e, por conseguinte, ele projeta a infelicidade como responsabilidade de outrem, tendo, como pano de fundo, a necessidade de se sentir como bom (**AZEREDO, Nietzsche e a dissolução da Moral, p. 104**).

Como contraposição à conduta reativa, podemos dizer que o modo valorativo por excelência nesses casos onde ocorrem grandes impactos afetivos reside na manifestação da indiferença do agredido em relação ao agressor, de modo que esse tipo de homem singular não se deixa influenciar pela vileza do agressor, esquecendo simplesmente a ofensa. Por conseguinte, esse tipo de homem desenvolve no seu íntimo um sentimento de impotência pela sua fraqueza de expressar um estado de espírito pessoal, seqüioso por se manifestar de modo vigoroso no plano concreto. Esse indivíduo ressentido maquiará na sua mente diversas circunstâncias para que possa, em um ansioso momento, vingar a agressão sofrida; contudo, como tal situação muito raramente se concretiza, ele perde uma grande quantidade de forças internas, as quais, seguindo o curso da natureza, devem ser expandidas em direção ao mundo exterior, mas que, por uma inversão de sentido, essas energias retornam para o próprio interior do indivíduo, em uma funesta introspecção que somente corrompe e degenera sua estrutura psíquica e fisiológica. Esclarece Roberto Machado que “O ressentimento é o predomínio das forças reativas sobre as forças ativas. O ressentido é alguém que nem age nem reage realmente; produz apenas uma vingança imaginária, um ódio insaciável” (**MACHADO, Nietzsche e a verdade, p. 61**).

Portanto, em tal evento reside o ressentimento, cujos malefícios comprometem a estrutura psíquica do homem, sua estabilidade mental, justamente pelo acúmulo de recordações de

interações e vivências ruins que, uma vez ocorridas, deveriam ser prontamente esquecidas. Assim, o ressentimento se torna um estado afetivo muito desgastante para o desenvolvimento adequado da vida orgânica, motivando no homem o surgimento de estados declinantes da constituição saudável da personalidade, tais como o pânico, crises nervosas, depressões, dentre outras manifestações de declínio da estrutura psicofisiológica do indivíduo. Trata-se, portanto, de uma “doença” propriamente dita.

Ressentimento e esquecimento no Cristianismo

A proposta de afirmação da criatividade da potência de agir humana através da seleção dos encontros ou do uso da faculdade do esquecimento como possibilidade do indivíduo se desvencilhar dos afetos tristes, faz tanto de Espinosa como Nietzsche pensadores que se caracterizam pela elaboração de criações filosóficas marcadas em especial por uma intensidade discursiva; esta qualidade própria das suas obras proporciona ao leitor a instigação em desenvolver na sua vida prática um nível de ação que valoriza a sua singularidade pessoal, assim como uma compreensão adequada da natureza de sua dimensão afetiva. Contudo, apesar do poderoso caráter afirmativo da intensidade da vida presente no sistema ético de Espinosa e no pensamento trágico de Nietzsche, podemos constatar ainda um grande exemplo acerca dessa prática de vida, pautada na superação das dificuldades e do sofrimento por meio da criação: trata-se da atividade evangélica do Jesus histórico, quando este propunha a seus seguidores que respondessem ao mal com o bem, ou seja, que transformassem a agressão original em benção, a relação de ódio em experiência amorosa, valorizando assim a capacidade plástica dos homens afirmativos de modificarem os fatos do mundo cotidiano não através do uso da violência, mas através da concretização dos sentimentos de beatitude e de amor.

Conforme o relato evangélico, Jesus proclamou aos seus seguidores: “Ouvistes o que foi dito: olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau. Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (**Mt, 5, 38-39; Lc, 6, 29**). Essa proposta evangélica permite o desenvolvimento da seguinte idéia: se uma causa exterior nos afeta de modo inadequado, devemos

conservar a integridade de nosso estado de ânimo, além de reforçarmos a nossa disposição de ânimo, preparando-nos para uma possível nova ofensa por parte do agressor, mantendo, no entanto, uma postura de dignidade e afirmação perante este, de modo que as suas mais violentas invectivas se tornem vãs. O amor mais autêntico e intenso é o amor pelo diferente, pelo “inimigo”, pois essa disposição amorosa exige a capacidade de valorização das qualidades intrínsecas daqueles que consideramos os nossos mais odiosos inimigos. Conforme comenta Christoph Türcke,

Não resistir ao mau, amar também seus inimigos: isto nenhuma lei do mundo se pode permitir – nenhuma que mantenha coesa uma comunidade religiosa ou política, e nem sequer uma que dê sustentáculo moral a uma alma. Onde há ordem jurídica ou moral aí há lei. Porém, constitui justamente a definição de lei que ela tenha um inimigo: o que se desvia dela, o proibido. E ela só dura enquanto se comporta de fato hostilmente contra este inimigo, não tolera o proibido e busca extingui-lo através do castigo (TÜRCKE, C. O Louco – Nietzsche e a mania da razão, p. 186).

O sentimento que possibilitaria a formação desse estado de serenidade e de estabilidade existencial residiria na irradiação do amor irrestrito para com os homens, excluindo-se as distinções morais entre “bons” e “maus”, de modo que se torna possível esquecer, por meio do amor, qualquer tipo de agressão sofrida. Infelizmente, tal prescrição, por decorrência de uma má interpretação da mensagem de Jesus por parte dos fiéis seguidores, tornou-se não uma espécie de afirmação da segurança e da personalidade do cristão perante as intempéries da vida, mas um modo de mascarar sua fraqueza física e moral perante seres mais fortes do que ele. Afinal, comumente se interpreta o referido preceito como uma exortação para que os fiéis adotem uma postura de renúncia a qualquer qualidade de ação efetiva no mundo da vida, de modo que seria para o cristão uma atitude mais adequada, e mesmo vantajosa, aceitar sofrer essa impressão ofensiva do que macular a sua alma através dos terríveis sentimentos de vingança, de ódio ou rancor, ou mesmo adotar a pena de Talião, de modo que algumas correntes teológicas, para tanto, elaboraram preceitos morais de cunho absolutamente coercitivos em prol do

amansamento moral do homem. No entanto, esses religiosos somente atentaram para a proposta de abrandarem as disposições ativas do indivíduo cristão, mas não o desenvolvimento de idéias e sentimentos que afirmem a prática cristã como uma efetiva superação dos sentimentos de ódio ou de tristeza. Desse modo, essa casta apenas teria valorizado a diminuição do homem cristão perante causas externas mais poderosas do que a sua, motivando, por conseguinte, tanto a sua debilitação fisiológica quanto moral. Um exemplo concreto desta situação seria a do indivíduo que, em nome da afirmação máxima da humildade, mantém na sua vida cotidiana uma postura sempre cabisbaixa, retraída, débil, que, temerosa de sofrer ofensas de outros homens, evita qualquer tipo de exposição de sua singularidade, assim como se posiciona sempre de modo inferior em relação aos demais.

Com a valorização desses conteúdos morais, os teólogos cristãos, contudo, não se preocuparam com as suas conseqüências práticas, ou seja, o enfraquecimento da potência de agir individual, e muito menos pretenderam despertar no ser humano o sentimento de dignidade diante do agressor. Afinal, podemos considerar que, se porventura o agressor necessita se utilizar da violência contra outrem, tal fato decorre da sua dependência em relação ao fluxo de causas externas para sobreviver, o que torna o agressor não um homem criativo, mas simplesmente reativo, ou seja, alguém que exerce sua potência de agir sobre o mundo não em prol da construção do novo, mas da demolição das coisas existentes, sendo, por conseguinte, muito mais “fraco” existencialmente do que o próprio fraco do ponto de vista vital, ainda que desconheça a sua situação concreta de miséria e exaustão. Afinal, esse tipo de homem, sendo incapaz de desenvolver livremente a sua criatividade singular, ressentido-se amargamente por essa deficiência, tornando-se assim um tipo de homem que apenas se propõe a destruir o existente. O “homem forte” não é aquele que exerce a sua força bruta sobre o outro, visando subjugá-lo existencialmente, pois deste modo dependeria da existência de causas externas, o que evidenciaria a necessidade do opressor em existir um mundo ao qual ele pudesse exercer violentamente o seu domínio, mas sim, aquele que é capaz de criar, ou seja, aquele que renova a vitalidade da cultura através da expansão de sua própria singularidade.

Nietzsche considera que, como modo de se contrapor a todo tipo de manifestação da potência física superior, desenvolveu-se, por

meio da moral religiosa cristã, a exortação de que as obras de violência cometidas contra o fiel devoto serão justicadas, em um momento oportuno, seja na vida terrena ou na espiritual, pela cólera divina. Essa proposta ressentida mascara ardidamente uma espécie de sentimento velado no qual o fiel aguarda a sua vingança em Deus, através de um secreto prazer em presenciar a punição do iníquo na postulada realidade supra-sensível. Nietzsche, no § 15 da primeira dissertação da *Genealogia da Moral*, cita as seguintes passagens de dois renomados pensadores cristãos, tendo em vista a apresentação do vínculo imediato entre a moralidade normativa da instituição cristã e o espírito de ressentimento: “os abençoados no reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude lhes dê maior satisfação” **(TOMÁS DE AQUINO, Suma Teológica, Suplemento da III parte, Questão 94, artigo 1)**. O tom virulento se amplia no seguinte discurso de Tertuliano:

Mas restam outros espetáculos, aquele último e perpétuo dia do juízo, aquele dia não esperado pelos povos, dia escarnecido, quando tamanha antigüidade do mundo e tantas gerações serão consumidas num só fogo. Quão vasto será então o espetáculo! Como rir! Lá me alegrarei! Lá exultarei, vendo tantos e tão grandes reis, de quem se dizia estarem no céu, gemendo nas mais fundas trevas, junto ao próprio Júpiter e suas testemunhas. Do mesmo modo os líderes, perseguidores do nome do Senhor, derretendo-se em chamas mais cruéis do que aquelas com que eles maltrataram os cristãos! E também aqueles sábios filósofos, que diante dos seus discípulos tornam-se rubros ao se consumirem no fogo, juntamente com eles, a quem persuadiam que nada pertence a Deus, a quem asseguravam que as almas ou não existem ou não retornarão aos corpos antigos! Do mesmo modo os líderes (os governadores das províncias), perseguidores do nome do Senhor, derretendo-se em chamas mais cruéis do que aquelas com que eles maltrataram os cristãos! E também aqueles sábios filósofos, que diante dos seus discípulos tornam-se rubros ao se consumirem no fogo, juntamente com eles, a quem persuadiam que nada pertence a Deus, a quem asseguravam que as almas ou não existem ou não retornarão aos corpos antigos! Os poetas também, a tremer, não diante do tribunal de Radamanto ou de

Minos, mas daquele do Cristo inesperado! Então se escutará melhor os trágicos, a saber, melhor serão ouvidas as suas vozes (melhor a voz, maiores os gritos) em sua própria desgraça; então serão conhecidos os histriões, mais dissolutos [tradução alternativa: mais desenvoltos] no fogo, então se verá o auriga, todo rubro no carro flamejante, então se contemplarão os atletas, não no ginásio, mas no fogo lançando seus dardos, a não ser que eu nem queira esses espetáculos, e antes prefira dirigir um olhar insaciável àqueles que maltrataram o Senhor: "Eis", direi, "o filho do artesão e da prostituta, o destruidor do Sábado, o Samaritano, o que tem o demônio. Eis aquele que comprastes de Judas, eis aquele que foi golpeado com a vara e com bofetadas, que foi humilhado com escarros, a quem foi dado de beber fel e vinagre. Eis aquele que os discípulos roubaram às escondidas, para que se dissesse que havia ressuscitado, ou aquele a quem o hortelão arrastou, para que suas alfaces não fossem machucadas pelo grande número de passantes". Tais visões, tais alegrias, que pretor, ou cônsul, ou questor, ou sacerdote, te poderia oferecê-las, da sua própria generosidade? E no entanto, de certo modo já as possuímos mediante a fé, representadas no espírito que imagina. De resto, como são aquelas coisas que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem subiram ao coração do homem? (1 Cor. 2,9) Creio que são mais agradáveis que o circo, que ambos os teatros, e todos os estádios (**TERTULIANO. De spectaculis, cap. 30**).

O problema valorativo desta situação decorre dos meios que motivam o devoto a abrir mão da vontade de vingança, pois esta renúncia não se origina do ato de esquecimento das ofensas ou de amor para com todos os seres, mas da legitimação de uma causa imaginária, em decorrência de sua impotência de se reagir, outorga-se ao poder de uma suposta instância suprassensível o direito de punir os pecados e injustiças existentes no mundo da vida. Conforme a argumentação nietzschiana, desse fator decorreria a formação do ressentimento na vida do cristão, pois tal indivíduo, incapaz de esquecer as suas impressões ruins provocadas por outrem, se aliena da realidade exterior para que idealizar na sua mente os projetos de vingança contra seus ofensores, sem, no entanto, conseguir concretizar os seus intuitos reativos, impossibilidade esta que lhe motiva o

surgimento do desgosto da impotência vital (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, I, § 10**).

Adotando-se uma perspectiva imanente pautada nas filosofias de Espinosa e de Nietzsche em favor de uma interpretação extra-moral da atividade evangélica de Jesus, creio ser possível desenvolver a hipótese de que o Nazareno pretendia demonstrar aos seus seguidores os benefícios decorrentes do fortalecimento do caráter do homem, nunca a legitimação da fraqueza deste perante causas externas. Assim, podemos considerar que Jesus pretendia despertar em seus discípulos um afeto de afirmação da própria potência de agir peculiar de cada ser humano, de tal modo que, pelo fato do indivíduo estar vivendo um grau de felicidade e interação com a divindade e com a natureza (considerada como expressão da onipotência divina) em um nível tão intenso, nenhuma causa externa de teor triste poderia afetar suas disposições de ânimo, posto que os sentimentos de amor e de alegria seriam capazes de superar todas as impressões inadequadas, como os sofrimentos e mesquinhas cotidianas vividas pelo tipo de homem que afirma na sua existência essa unidade entre o seu ser e a imanência divina.

A proposta evangélica de Jesus demonstraria ainda a possibilidade da existência de um sentimento de alteridade entre os homens, de modo que o agressor pudesse ver na figura do agredido o seu próprio reflexo, através da idéia da unidade primordial entre os homens. Para aquele que descobre essa relação fundamental, a agressão praticada contra qualquer ser humano torna-se uma agressão contra si mesmo, cabendo ao homem não mais legitimar o sentimento de distinção entre o “eu” e o “outro”, mas a jubilosa afirmação interativa entre os indivíduos, posto que, somente através da descoberta da unidade entre os seres humanos poder-se-ia desvelar a essência da própria identidade. Afinal, o homem que vive de acordo com o uso da razão procura sempre agir de acordo com o máximo benefício da coletividade, de modo que todos os indivíduos sejam capazes de desenvolver ao máximo as suas forças criativas, em prol do desenvolvimento afirmativo da sua sociedade circundante, concomitantemente ao aprimoramento da sua potência de agir pessoal. Para Espinosa,

A Filosofia como potência de agir através da atividade do esquecimento em
Espinosa e Nietzsche

Na medida em que os homens vivem sob a direção da Razão, só nessa medida eles concordam sempre necessariamente em natureza (**ESPINOSA, Ética, IV, Proposição XXXV**; “(...) os homens, por mútuo auxílio, obtêm muito mais facilmente aquilo de que necessitam, e que não podem evitar os perigos que os ameaçam de todos os lados, a não ser pela união de forças (**ESPINOSA, Ética, IV, Escólio da Proposição XXXV**)

Retornemos novamente ao tema do esquecimento, de suma importância para a consolidação da genuína prática cristã, pois essa disposição permite ao homem se libertar do efeito envenenador do ódio e do ressentimento: tais afetos, conforme continuamente destacado, consomem violentamente as forças nervosas do indivíduo afetado pela turbulência afetiva do ressentimento, quando esse tipo de homem decadente pretende vingar as ofensas do agressor, a despeito de um sentimento de impotência que geralmente decorre da incapacidade de se reagir ao conjunto de estímulos externos do cotidiano. Talvez pela compreensão desses fatores Jesus tenha afirmado aos seus discípulos que o “Reino dos Céus pertence às crianças”, uma imagem descritiva para expressar o poderoso sentimento que existe nos homens criativos, jubilosos, plenos de amor para com o mundo, homens criativos e dadivosos que, assim como as crianças, vivem em um estado de espírito inocente, desprovidos da mácula corrosiva decorrente do ressentimento e da tristeza. Conforme constatamos nos seguintes discursos evangélicos:

Deixai as crianças e não as impeçais de vir a mim, pois delas é o Reino dos Céus (Mt, 19, 14); Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele (Mc, 10, 15); Deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo, aquele que não receber o Reino de Deus como uma criancinha, não entrará nele (**Lc, 18, 16-17**)

Se porventura alguma situação motiva em tais homens valorosos algum desapontamento, pequenas paixões tristes, brevemente estas são plenamente esquecidas, superadas, pois uma nova alegria nasce para preencher o estado de espírito do indivíduo.

Este seria ainda o verdadeiro sentido da magnânima exortação de se conceder o perdão sincero ao próximo, não como um modo de se garantir que Deus também estenda o seu perdão para o indivíduo que se torna capaz de perdoar, pois tal atitude seria apenas um meio interessado de se granjeiar a conquista de um perdão maior, mas pela própria felicidade decorrente da reconciliação entre duas pessoas que outrora se consideravam como inimigos fígadais.²

Por conseguinte, podemos considerar que a inimizade mortal sempre é prejudicial para a vitalidade humana, pois não valoriza a afirmação das qualidades pessoais do antagonista, mas somente a tentativa de uma parte beligerante de suplantar hegemonicamente a outra, sem consideração com a manutenção do sentimento de disputa, favorável ao florescimento da vida. Nesse ponto, o espírito agônico dos antigos gregos manifestava valioso entendimento do ímpeto motriz da vida humana, ao sustentar as bases nobres da existência através das relações de rivalidade. Hesíodo sabiamente já demonstrava, em *Os Trabalhos e os Dias*, os benefícios da “Boa Éris” para a vida humana:

Esta desperta até o indolente para o trabalho:/ pois um sente desejo de trabalho tendo visto/ o outro rico apressado em plantar, semear e a/ casa beneficiar; o vizinho inveja ao vizinho apressado/ atrás de riqueza; boa Luta para os homens esta é;/ o oleiro ao oleiro cobiça, o carpinteiro ao carpinteiro/ o mendigo ao mendigo inveja e o aedo ao aedo
(HESÍODO, Os Trabalhos e os Dias, vs. 20-26).

A partir dessa nobre rivalidade que promove a interação de forças humanas, a luta e os impulsos de conservação do ser humano deixam de constituir um traço exclusivamente destrutivo, granjeando o sentido de disputa, e, conseqüentemente, de prazer e superação. Nietzsche, filiando-se aos princípios aristocráticos da bela disputa, revela a sua perspectiva acerca da nobreza de espírito ao considerar que o sentimento que deve brotar da disputa entre dois rivais valorosos não deve ser o ódio ou a vingança, mas a amizade e o amor;

² Para mais detalhes sobre a questão do perdão na filosofia de Nietzsche, Cf. PASCHOAL, “O perdão como sinal de força e saúde. Especulações em torno da filosofia de Friedrich Nietzsche”, In *As Dobras da memória*, p. 39-47.

com efeito, a existência de um antagonista de brio fornece para o homem guerreiro a sua significação existencial e cultural, pela possibilidade de se praticar os exercícios que evidenciam a sua excelência e promovem a renovação das suas forças vitais:

*Poder ser inimigo, ser inimigo – isso pressupõe talvez uma natureza forte, é em todo caso condição de toda natureza forte. Ela necessita de resistências, portanto busca resistência: o pathos agressivo está ligado tão necessariamente à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza. (...) – A força do agressor tem na oposição de que precisa uma espécie de medida; todo crescimento se revela na procura de um poderoso adversário – ou problema: pois um filósofo guerreiro provoca também os problemas ao duelo. A tarefa não consiste em subjugar quaisquer resistências, mas sim aquelas contra as quais há que investir toda a força, agilidade e mestria das armas – subjugar adversários iguais a nós... Igualdade frente o inimigo – primeiro pressuposto para um duelo honesto. Quando se despreza não se pode fazer a guerra; quando se comanda, quando se vê algo abaixo de si, não há que fazer a guerra (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, “Por que sou tão sábio”, § 7).*

O afeto de afinidade de um homem valoroso pelo seu antagonista se manifesta através do código aristocrático que preconiza o respeito fidedigno entre os rivais, de modo que o vilipêndio contra a honra do agonista é sinônimo de descortesia. Tal fato decorre da consciência de que seria a partir destas interações de forças, dos choques de potências, que o agonista poderá superar os seus próprios limites corporais e ser assim glorificado pela coletividade.

A relação agônica potencializa as forças criativas dos competidores, os quais, a partir desse momento de celebração da vida e da harmonia, sentem um júbilo e bem-estar afetivo por terem conseguido se desvencilhar da amargura típica dos sentimentos negativos para o desenvolvimento da vida, afirmando a nascente amizade, poderosa possibilidade de associação de forças produtivas e da criação de grandes feitos. Problematizando a questão da competitividade no mundo grego da era pré-socrática, período em que o discurso filosófico se encontrava imediatamente entrelaçado ao exercício poético, Nietzsche considera que o objetivo da educação

agônica dos gregos era o bem do todo, da sociedade enquanto coletividade. Cada grego deveria desenvolver suas forças até o estágio em que isto constituísse o máximo de benefícios para a sociedade, acarretando o mínimo de danos (NIETZSCHE, Cinco Prefácios para cinco livros não escritos, “A Disputa de Homero”, p. 82).

Cabe salientar que a perspectiva axiológica da rivalidade grega é intrinsecamente distinta da práxis evangélica de Jesus, mas o que existe em comum entre ambas consiste na afirmação da “nobreza de espírito”, e a valorização da incapacidade instintiva de se reagir violentamente ao agressor, pois tal disposição é sempre prejudicial para a vida pessoal; cabe, ao contrário, se estabelecer a afirmação da diferença, inclusive mediante o amor aos “inimigos”. Por conseguinte, seja pela experiência agonística ou pela compreensão beatífica da vida suprime-se a reatividade ressentida contra os pretensos “inimigos”. Ao comentar a disposição beatífica de Jesus, Nietzsche salienta que

Esse “portador da boa nova” morreu como viveu, como ensinou – não para “redimir os homens”, mas para mostrar como se deve viver. A *prática* foi o que ele deixou para a humanidade: seu comportamento ante os juízes, ante os esbirros, ante os acusadores e todo tipo de calúnia e escárnio - seu comportamento na cruz. Ele não resiste, não defende seu direito, não dá um passo para evitar o pior; mais ainda, ele provoca o pior... E ele pede, ele sofre, ele ama com aqueles, *naqueles* que lhe fazem mal... As palavras que ele diz ao *ladrão* na cruz contêm todo o evangelho. “Este foi verdadeiramente um homem divino, um filho de Deus” – diz o ladrão.³ “Se sentes isso – responde o Salvador – “então estás no *paraíso*, és também um filho de Deus...” Não defender-se, não encolerizar-se, não atribuir responsabilidade... mas tampouco resistir ao mau – *amá-lo...* (NIETZSCHE, *O Anticristo*, § 35).

Cabe destacar que no § 10 da primeira dissertação da *Genealogia da Moral* Nietzsche associa a capacidade de esquecimento com o perdão, o perdão efetivo decorrente do processo assimilador de

³ É importante destacarmos que Nietzsche comete um equívoco de citação ao colocar na boca do ladrão a frase na qual se proclama a divindade de Jesus, quando na verdade teria sido um centurião romano que enunciara tal sentença.

vivências desagradáveis que é proporcionado pela ação emancipadora do esquecimento, e esse estado de saúde psicofisiológica ocorre por excelência na tipologia “nobre”, na pessoa capaz de digerir de maneira tranqüila as suas experiências afetivas sem se deixar perturbar por estímulos reativos e rancorosos. Ao fazer do perdão incondicional um mecanismo de obtenção da beatitude divina, Jesus revela essa disposição “nobre” em seu modo de ser, pois a sua felicidade não depende da realidade externa para se concretizar; pelo contrário, a axiologia crística é do âmbito da interioridade, não como antítese do externo, mas como uma ação de não reconhecer de tudo aquilo que não é interno. Isso significa que a experiência crística é incapaz de ver o agressor como uma figura efetivamente capaz de retirar o indivíduo de seu estado efetivo de beatitude. Conforme a interpretação concedida por Oswaldo Giacóia Jr. ao tema problematizado por Nietzsche,

A prática vivenciada do amor universal, pregada por Jesus de Nazaré, conduziu-o à morte como a consequência inevitável dessa pregação. O que dela remanesceu não foi uma doutrina, não foram dogmáticos artigos de fé, mas o modelo de uma práxis: a atitude, a postura perante os acusadores, os perseguidores, caluniadores, magistrados, a efetiva não-resistência ao ódio, ao escárnio, ao extremo da ignomínia e do martírio na cruz: não resistir ao mau, não se defender, não sustentar o próprio direito, compadecer-se sinceramente de quem pratica o mal (GIACÓIA Jr, *Labirintos da Alma*, p. 77).

A partir das colocações precedentes, podemos fazer as seguintes indagações: “Quem realmente ama ao seu “próximo” de modo incondicional? Quem consegue amar um inimigo? Quem é capaz de perdoar verdadeiramente uma ofensa, sem vir a se afetar pelos efeitos depressivos do ressentimento?” Por conseguinte, podemos dizer que “saber perdoar” é saber esquecer as ofensas sofridas, ou seja, uma ação plenamente dita.

Portanto, seria este o fundamento da verdadeira conduta da não-reação ou da não-violência preconizada pelo Cristianismo autêntico, pois não pretende tornar o homem existencialmente inerte, mas, pelo contrário, conceder-lhe um grau de atividade afetiva tão intensa, que os malefícios externos são incapazes de prejudicar a sua

constituição física e mental. Nessa dimensão, o indivíduo desenvolve uma potência de agir tão vigorosa que as agressões externas não podem corromper as suas forças, posto que a corrosão do ódio e do ressentimento foi sanada. Inclusive, pautando-se na filosofia ética de Espinosa, o homem que se encontra nos graus de felicidade, no júbilo decorrente pela afirmação das forças corporais em constante desenvolvimento, não temerá o sofrimento, tampouco permitirá que surja o sentimento de ódio em sua vida, por ter o conhecimento de que os afetos passivos, tristes, deprimem a sua potência de agir, motivando o seu contínuo enfraquecimento vital e o seu subsequente aniquilamento.

Quando sofremos uma diminuição da intensidade de nossa potência intrínseca, (mais precisamente na ocorrência de vivências que motivam a formação de afetos tristes, tais como o ódio, o ciúme, o rancor, dentre outros), situação essa que enfraquece terrivelmente a nossa capacidade de agir, uma vez que tais afetos decorrem de uma idéia inadequada que fazemos da realidade. Para Espinosa, “somos passivos (sofremos), quando em nós se produz qualquer coisa ou qualquer coisa se segue da nossa natureza, de que não somos senão a causa parcial” (**ESPINOSA, Ética, III, Definições II**). Essa circunstância nos limita em uma compreensão obtusa e parcial da realidade do mundo no qual atuamos, ao invés de favorecer a elaboração de uma perspectiva global dos eventos constituintes de nossa existência.

Por sua vez, o poder sacerdotal, quando movido por interesses obscurantistas, se aproveita da impotência de agir dos indivíduos, inoculando-lhes o ódio perante a diferença, circunstância que motiva assim uma compreensão distorcida e miserável da realidade mediante a criação do medo e da superstição, e os seus mantenedores odeiam acima de tudo os que cultivam a verdadeira ciência e a verdadeira vida (**ESPINOSA, Tratado Teológico-Político, Cap. II, p. 32**). Esse mecanismo facilita a manutenção da opressão sacerdotal sobre a consciência dos fiéis e consolidando a autoridade temporal que se sustenta politicamente pelo uso ideológico da teologia. A estrutura política pautada na compreensão supersticiosa da existência se aproveita das disposições tristes dos indivíduos para melhor dominá-los moralmente. Deleuze desmascara esse mecanismo autoritário ao afirmar que “O tirano precisa da tristeza das almas para triunfar, do mesmo modo que as almas tristes precisam de um tirano

para se promover e propagar. De qualquer forma, o que os une é o ódio à vida, o ressentimento contra a vida” (**DELEUZE. Espinosa – Filosofia Prática, p. 31**).

A manutenção saudável da existência, para Espinosa, reside na prática desta sabedoria de vida que preconiza a afirmação progressiva dos afetos alegres porque ativos em detrimento dos afetos tristes porque passivos. Desse modo, quanto mais o homem livre interage com forças que ampliem a sua capacidade de resistência e assimilação criativa perante as determinações das causas externas, como, por exemplo, através da superação das adversidades cotidianas, ou tenha a possibilidade de interagir com seres que tenham simpatia para com ele, mais acréscimo vital será obtido pelo seu corpo, circunstância na qual nem mesmo a ameaça da morte poderá vir a diminuir a intensidade de sua potência de agir:

O homem livre, isto é, aquele que vive segundo o ditame da Razão, não é levado pelo medo da morte, mas deseja diretamente o bem, isto é, deseja agir, viver e conservar o seu ser segundo o princípio da procura da utilidade própria; e, por conseguinte, em nada menos pensa que na morte, mas a sua sabedoria é meditação da vida (**ESPINOSA, Ética, V, Demonstração da Proposição LXVII**)

O fato de sua mente ser permeada de pensamentos afirmativos, construtivos, pautados seja no uso da razão ou das impressões motivadas pelos sentimentos saudáveis e benéficos, somente poderá contribuir para que a ampliação de suas forças vitais seja uma atividade constante. Em tal ponto reside a verdadeira beatitude, a qual necessariamente não se conquista tão somente em um mundo supra-sensível, mas pode ser efetivada neste mesmo mundo no qual vivemos no cotidiano, ao contrário daquela criticada por Espinosa acerca do orgulho espiritual dos pretensamente “puros” e “eleitos”:

A verdadeira felicidade e beatitude do indivíduo consiste unicamente na fruição do bem e não, como é evidente, na glória de ser o único a fruir quando os outros dele carecem; quem se julga mais feliz só porque é o único que está bem, ou porque é mais feliz e mais afortunado que os outros, ignora a

verdadeira felicidade e a beatitude (**ESPINOSA, Tratado Teológico-Político, Cap. III, p. 50**).

A consciência religiosa preconceituosa e sectária, ao se fazer acreditar como a depositária por excelência do poder divino, chegara ao ponto de se crer como a mais bem-aventurada de todas, circunstância que se revelaria como um grande absurdo, pois a vivência beatífica pressupõe acima de tudo a valorização das diferenças. Por conseguinte, a idéia de “povo escolhido”, antes de pertencer a uma disposição seletiva que proporcione a criação incondicional de uma cultura da força, na verdade decorre de mais um golpe do espírito de ressentimento no desenvolvimento de uma raça, de um povo.

Considerações Finais

As ponderações de Espinosa acerca da possibilidade do ser humano em desenvolver uma vida afirmativa, jubilosa, criativa, conforme vimos no decorrer deste texto, certamente ressoam de modo extraordinário na crítica empreendida por Nietzsche aos valores morais transcendentais, assim como as suas objeções ao uso hipertrofiado das mnemônicas; afinal, em prol da superação do estado de declínio motivado pela impressão de paixões tristes registradas na memória, o homem deve conseguir desenvolver um estado de ânimo que o eleve acima as limitações cotidianas, alcançando um nível de felicidade que, ao se manifestar nas suas disposições do corpo e da alma, lhe proporcionam a segurança, a alegria e a criatividade.

Desse modo, o esquecimento, descrito por Nietzsche como uma atividade autêntica do organismo humano grau seria um dos recursos que possibilitariam a efetiva superação das tristezas e da impotência de agir, excluindo da consciência os conteúdos afetivos tristes, favorecendo assim a estabilidade da estrutura fisiológica e psíquica do indivíduo (**NIETZSCHE, Genealogia da Moral, II, § 1**). A partir deste infável evento metabólico, o ser humano concretizaria recursos que impulsionam para a ação, a afirmação da sua potência de agir, originando a merecida felicidade, decorrente do seu esforço em superar o estado de passividade ou declínio.

Portanto, podemos considerar Espinosa e Nietzsche como dois filósofos que, através das suas reflexões sobre a natureza dos afetos e a conduta moral do homem, proporcionaram meios para que a qualidade de vida e a alegria se fizessem presentes de modo mais amplo na vida do ser humano, buscando soluções para que se fosse possível vencer o pessimismo, o declínio e o estado de tristeza, provenientes da cristalização das paixões ruins na consciência do indivíduo. Em especial através do desenvolvimento de um pensamento ético que se desenvolve a partir da imanência, da compreensão do indivíduo como uma unidade entre pensamento e corpo, sem que houvesse uma distinção ontológica entre essas instâncias. Mais ainda, podemos considerar que estes filósofos demonstram uma grande originalidade axiológica nas suas respectivas visões de mundo ao não projetarem essas soluções afirmativas em instâncias suprassensíveis ou ascéticas, mas na valorização dos elementos constituintes do próprio mundo da vida, da relação de imanência entre o homem e a natureza.

Referências bibliográficas

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a dissolução da Moral**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

BÌBLIA DE JERUSÀLEM. Direção Editorial de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.

DELEUZE, Gilles. Espinosa: Filosofia prática. **Trad. de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.**

ESPINOSA, Baruch. **Ética demonstrada à maneira dos geômetras**. In: Vol. "Espinosa" da Col. Os Pensadores. Trad. de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

_____. **Tratado Teológico-Político**. Trad. de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIACÓIA JR., Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-**

supressão da Moral. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. **Nietzsche como psicólogo.** São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2001

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias.** Trad. de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

MARTINS, André. “Nietzsche, Espinosa, o acaso e os afetos – encontros entre o trágico e o conhecimento intuitivo.” In: Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea, Paulo Pinheiro e Rosa Maria Dias (org.) **Assim falou Nietzsche III.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2001, p.11-22.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo/Ditirambos de Dionísio.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos.** Trad. de Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

_____. **Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar com o martelo.** Trad. de Marco Antônio Casanova. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Genealogia da Moral: uma polêmica.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva:** da utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. “O perdão como sinal de força e saúde. Especulações em torno da filosofia de Friedrich Nietzsche” In: BARRENECHEA, Miguel Angel de (org.). **As dobras da memória.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 39-47.

TERTULIANO. *Apology/ De spectaculis.* Trad. de T. R. Glover
Massachusetts: Harvard University Press: 1977.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica.** Trad. Coord. por Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2002.

TÜRCKE, Christoph. **O Louco: Nietzsche e a mania da razão.** Trad. de Antônio Celiomar Pinto de Lima. Petrópolis: Vozes, 1993.

WILKE, Valéria Cristina Lopes. “Memória – Esquecimento: Nietzsche e Benjamin” In: Charles Feitosa e Miguel Angel de Barrenechea (org.) *Assim falou Nietzsche II.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 155-169.
